This is an interview with a consultant to the Senate, who worked for IPEA for many years (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Institute for Applied Economic Research) and was involved in working with SEPPIR (Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - Special Secretariat for Policies to Promote Racial Equality).

The interview carried out by Luciane Rocha in 2017.

Entrevista com **XXXX**

**Luciane**- XXXX, gostaria de pedir que você se apresentasse e contasse um pouquinho do seu histórico de trabalho com a questão racial.

**XXXX-** Bom, meu nome é XXXX, atualmente eu sou consultor legislativo aqui no Senado Federal. Minha área de atuação aqui é mercado de trabalho e previdência, e também mexo com a questão racial aqui dentro. Porque já tenho acumulação com isso; embora, eu tenha passado aqui para o mercado de trabalho e previdência, as coisas que tem vindo sobre a questão racial eu também tenho dado conta. Bom, minha trajetória com a questão racial nasce lá atrás; nasce, bom, na minha infância, claro, você vai convivendo com essa questão o tempo todo. Agora no serviço público, ela vai nascer a partir do ano 2000. Por quê? Porque antes disso, apesar de eu ter insistido muito nessa agenda e nessa época eu estava no IPEA, fazer uma agenda para estudar as questões raciais, os negros no Brasil etc. Tinha saído em 1988 um estudo do IBGE, sobre o negro no mercado de trabalho etc., vamos continuar aí; a gente nunca conseguiu emplacar uma agenda sobre a questão racial no IPEA; e o IPEA como é uma espécie de vanguarda do pensamento do estado, então o estado também não tinha isso, pouquíssima coisa. E Fernando Henrique quando vem, ele traz, pontua algumas questões raciais. Mas, a gente só vai entrar mesmo nisso com Durban. Durban é um momento que o estado brasileiro entra de fato na questão racial, e não pelo fato dos belos olhos da questão racial, tinha um complexo de culpa aí também. Porque o Brasil tinha se comprometido em ser a sede regional dos debates para os preparativos de Durban para o continente. E faltando 3 meses Pedro Malan falou que não tinha dinheiro e avisou para todos os países que não ia fazer mais no Brasil. Foi um horror! A gente ficou muito mal na fita. Então, para compensar o Brasil abriu o que eles chamam de BRA, é um projeto junto com o BIRD de um milhão de dólares para fazermos um estudo que subsidiasse a participação do Brasil em Durban, já que o Brasil estava muito mal na fita, por não ter honrado com o compromisso de fazer a regional. Então, esse BRA, esse um milhão de dólares, que na época era dinheiro pra burro, ele atraiu a atenção de vários pesquisadores da área de pobreza, etc. e etc. e da questão racial. Afinal de contas tinha dinheiro, então, foi um momento em que essa questão entra, me parece que entra, na agenda de pesquisa do IPEA e também governamental. Então, aí que começa. Eu não participei desse primeiro momento.

**Luciane-** Apesar de já trabalhar no IPEA.

**XXXX**- De já trabalhar no IPEA. Teve um pequeno contratempo da equipe. Não concordei com a forma com que se estava tratando algumas questões raciais**.**

**Luciane-** Tipo o quê? Por exemplo.

**XXXX-** Tipo um olhar racista sobre a questão racial. Resumidamente isso. Em alguns momentos um olhar racista de ver o negro como objeto, aquela coisa. Aí, eu resolvi não participar desse momento; embora, essa questão já tivesse na minha agenda há muito tempo. Depois eu comecei a trabalhar com os dados que começaram a sair, ninguém era mais dono dos dados. Eu me assenhorei de alguns e comecei a fazer alguns trabalhos sobre isso. E também, nesse momento já era 2000; 2002 vem a campanha e o governo Lula se compromete a fazer uma instituição com *status* de ministério para tratar dessa questão. E Matilde Ribeiro, me convidou para organizar uma pauta do que poderia ser a SEPPIR. Então, já começa a entrar um pouco o que seria o braço executivo; fiquei nisso um tempo, a gente fez uma parceria da SEPPIR com o IPEA que foi bem legal na época, a gente abriu espaço lá, para trabalhar o PPA, essas coisas, então foi um pouco isso. Depois eu sair do IPEA e vir pra cá, eu fiquei um pouco mais distante operacionalmente. Mas, aí o que aconteceu? QuandoMárcio Pochmann assumiu, ele me chamou para uma diretoria. E eu voltei para o IPEA não como técnico, mas, como diretor; isso em 2007. E lá como diretor eu aproveitei fiz uns livros; foi bacana. E de lá depois, eu fui para SEPPIR com a Luíza Bairros. Fiquei na SEPPIR 3 anos, 2 anos e meio, 3 anos. Bom no resumo.

**Luciane**-Você poderia falar pra mim sobre essa parceria SEPPIR/IPEA?

**XXXX-** Essa parceria na verdade assim, na verdade a gente abriu espaço e eu me lembro muito bem que eu fiz um contato da Ministra com, na época, Anna Peliano. Anna Peliano, que era a chefe de toda área social do IPEA, para fazer uma reunião; para abrir na verdade uma agenda de trabalho em comum. Ou seja, o IPEA ia colocar todas as áreas que a gente chama do grande social que eram o Ministério da Educação, da Saúde, Infraestrutura; infraestrutura não, Educação, Saúde, Trabalho, pessoal da Previdência, da Assistência, enfim, todo mundo que trabalhava, área rural, se dispôs a trabalhar com a SEPPIR. Só que essa coisa infelizmente não foi pra frente. Muito em função do fato que a SEPPIR não tinha corpo técnico, por um lado, então não teve a capacidade de cumprir demandas. Ou seja, os técnicos estavam lá, mas não iam ser os técnicos que iam fazer o trabalho por si. O trabalho tinha que ser feito a partir de uma demanda. Por exemplo; o que está acontecendo nas Comunidades Quilombolas de Alcântara? Vamos fazer um estudo? Esse tipo de coisa naquele primeiro momento em que a SEPPIR estava se montando, que a Matilde estava trazendo a equipe; isso não foi feito. E também, é uma crítica que eu faço, que a SEPPIR, a montagem da SEPPIR era favorecer muito mais quadros políticos do que técnicos. Então, a agenda técnica da SEPPIR ficou muito prejudicada. A gente não conseguiu fazer com que a SEPPIR demandasse ao IPEA coisas importantes, do ponto de vista técnico, foi triste. Enfim, foi uma caminhada. Uma caminhada.

**Luciane**- Entendi, mas quanto tempo durou essa tentativa de parceria?

**XXXX** -- Não, não; essa parceria, na verdade logo no começo do governo eu consegui montar essa reunião em que Matilde foi como ministra lá, com todo corpo da área social explicar o que era SEPPIR, o que ela estava pensando e Anna Peliano que era diretora foi muito (inaudível); “então conte conosco com que precisar etc”. Houve algumas parcerias, mas, muito pontuais. Quando minha expectativa é que a gente fizesse uma grande parceria onde você montasse um conjunto de estudos que balizasse a política de igualdade racial daí pra frente; entendeu? Minha expectativa era essa.

**Luciane**- Teria sido maravilhoso.

**XXXX**- Teria sido muito legal. Porque a equipe estava disposta à isso, a gente já tinha conversado muito sobre isso. Então, tinha muita gente ali disposta; tanto que até hoje sai trabalho de lá, tem uma parte da equipe que mexe com a questão racial. O IPEA, até hoje faz toda a análise dele com corte racial; que nasce nessa época que essa turma estava trabalhando lá. Então, eu achei isso, eu lamentei, né. Só, a gente voltou a tentar isso quando eu fui para SEPPIR com Luíza Bairros, a gente montou umas parcerias, mas, muito menores, porque a SEPPIR já tinha uma cara, e já tinha, vamos dizer assim, seus projetos estruturantes prontos. Que era o projeto Brasil Quilombola, a tentativa do programa de ações afirmativas, etc. Então, já dava para você fazer aquele campo aberto para você fazer novas estruturas**.** Já tinham algumas coisas prontas. De toda maneira, quando a gente estava na SEPPIR, a gente montou uma coisa que eu fiquei muito satisfeito na época, o que a gente estava chamando de DATASEPPIR. Quer dizer um banco de informações, um site de questões raciais de todas as áreas com estatística sobre várias questões ligadas à população negra; desde a saúde da população negra, a questão da terra, a questão dos quilombolas, violência, etc. Então, esse banco de dados foi montado. O problema, é que ele não está atualizado desde que eu sai de lá; 2013. Se você tem uma desatualização, as pessoas que usam deixam de usar. Mas, foi um banco de dados, bem potente. Tanto que agora eu tive uma reunião no BIRD e o Cesar que foi o técnico que montou todo esse banco lá, ele hoje trabalha para o Banco Mundial para fazer a mesma coisa lá, tentar fazer em outros países, entendeu? Ele até apresentou esse banco de dados, eu falei César como que está? “Infelizmente está desatualizado”. Eu estou atualizando o meu pessoal, que tem um pequeno banco. Mas, o da SEPPIR está desatualizado, então, enfim. Um problema sério, acho que a gente tem que se capacitar muito para trabalhar dentro do Estado. Acho a gente ainda não conseguiu essa capacitação, essa percepção de um órgão mais técnico.

**Luciane**- E qual é para você a importância de um órgão mais técnico no combate ao racismo?

**XXXX**- Veja só, primeiro que o combate ao racismo não prescinde, nunca vai prescindir de uma militância, de um movimento de massa, de um movimento negro, reivindicando seus direitos, seu espaço. Isso é fundamental, claro é fundamental. Só que cada coisa no seu lugar. Você não pode trazer militância para dentro do estado.

**Luciane** -- Por quê?

**XXXX** -- Porque corre o risco de você não conseguir dialogar com outras instâncias do estado. Porque as instâncias do estado, quer dizer, existe uma liturgia da burocracia. Não adianta você só dizer: Oh companheiro! (inaudível), não é assim que funciona. Você tem que entender o que é um PPA, você tem que entender o que é uma LDO, você tem que entender o que uma LOAS, você tem que entender quais são esses prazos, você tem que entender quais as rubricas que você pode colocar as coisas. Enfim, você tem que propor e as pessoas não vão propor por você. Quando você tem um plano nacional de ação afirmativa, como a gente montou no governo da Luíza, e fomos para os ministérios e fomos cobrar dos ministérios, eles tomaram um susto. Porquê a SEPPIR nunca tinha montado um plano. Ela nunca tinha falado para os ministérios o que eles tinham que fazer. E essa sempre foi a função primordial da SEPPIR. A SEPPIR, não era órgão executivo. Ela era presidência. Como órgão da Presidência, assim como o IPEA, era órgão da Presidência, você fala o que os ministérios têm que fazer, e vai dialogar com eles a partir de uma pauta que você propõe, como Presidência da República. Então, quando a gente montou, o que a gente chamou na época de Programa Nacional de Ação Afirmativa, que era dividido em três grandes áreas -- área de trabalho, educação e área de comunicação -- a gente organizou várias ações e fomos conversar com os caras, e eles falaram: mas, como é isso? vocês agora... eu falei não, nossa missão é essa. A gente vem aqui, vamos discutir essas ações. O que vocês podem fazer, etc.etc. Então, esse tipo de coisa, inclusive não havia expectativa da burocracia que a SEPPIR transitasse por aí. Era mais aquela coisa: não, vamos fazer as festas do pessoal do movimento negro, vamos dar dinheiro para Serra da Barriga, etc... Então, eu sinto que ainda, essa tentativa, foi uma tentativa que a gente fez com a Luíza. Mas, mesmo assim, houve um retrocesso depois. Também, a gente chegou não conseguiu muito mais que bater nas portas, enfim, quebrar algumas portas e etc. e etc. Basicamente não foi pra frente. O que poderia ir pra frente foi o Juventude Viva, também foi um projeto montado na SEPPIR, ele não foi montado em outro lugar, nós da SEPPIR é que o montamos. Só que quando foi chegando dinheiro, o Juventude Viva foi virando cada mais Ministério da Justiça, Ministério da Justiça, e daqui a pouco virou lá, o Pacto pela Vida, aquelas coisas enfim. Mas, é um aprendizado. A burocracia...

**Luciane**- Antes era Juventude Negra Viva.

**XXXX**- no começo era Juventude Negra Viva. Mas, a Presidência da República, achou que não seria interessante isso. Porque, a gente mostrava nos nossos dados que o problema era com a juventude negra, por que a juventude branca a mortalidade estava caindo. –“Não, mas aí não fica bem”. “Tá bom. Então, vamos deixar Juventude Viva”. Mas, aos poucos foi perdendo a negritude. Eu briguei em várias reuniões. Eu falava pessoal (estou falando em termo de chefe, secretaria de executivos, ou mesmo de ministros) nós estamos falando de Juventude Negra, não esqueçam. –“Não claro”! Mas, na hora h, a coisa não andava muito por aí. Então, a percepção de primeiro: além da luta política no nível da militância, trabalho de massa, etc.; que é importantíssimo, você tem que ter uma disputa na Esplanada que é uma outra disputa em outros termos, com termos técnicos. Se não, você não consegue viabilizar as coisas, senão os projetos vão perdendo os conteúdos e virando outra coisa. Esta acho que é a grande questão, esse é o grande desafio. Você tem aqui, tudo bem, tem uma SEPPIR, e daí? O que é uma SEPPIR. Qual o conteúdo dessa SEPPIR? O que ela vai fazer? O que ela vai propor? Eu me lembro que quando a gente chegou aqui, eu falei com Luíza, (Luíza foi nota 10 eu não tenho nada a reclamar com relação a isso) ela me deu carta aberta com relação a isso; Luíza é seguinte eu tenho muito pouca entrada no movimento negro e você tem toda. Agora, na Esplanada eu entendo. Então, vamos fazer uma divisão inicial? Você cuida das questões políticas, e eu vou começar da Esplanada. Ela falou:-Topo! Tudo bem! Aí o quê que eu fiz, peguei o Estatuto da Igualdade Racial, e lá para cada ministério tem o que tem para fazer. Então, primeiro separei uma cópia, exemplar do estatuto, além disso eu fiz um ofício para cada secretaria executivo, destacando a área, “olha com relação ao seu ministério as áreas com relação a questão racial que estão no estatuto são essas e essas aí”. E fiz, copiei o trecho, além disso dei o estatuto e falei “vamos conversar? Vamos fazer alguma coisa juntos?” Os caras ficaram: “Nossa!” Teve gente que ligou pra mim; “-Nossa, vocês estão pensando que são o quê? Ministério da Fazenda? Querendo mandar na gente?” Eu falei: “não meu amigo, eu estou cumprindo a lei. E vocês têm que cumprirem essa lei”.

Então, eles apostam muito na inação da SEPPIR. Aquela coisa, que não a gente dá aí um dinheiro para comemorações do 20 de novembro, às vezes o 13 de maio; chama a Ministra para viajar com presidente quando ele for para África. Enfim, esse tipo de coisa, entendeu? E é uma briga muito grande. Tem uma briga interna muito grande. E a gente tem quer entender esse espaço e infelizmente, muitas vezes a própria militância negra não entende esses fatos. Ah! tá burocratizando muito. Eu me lembro, quando a gente foi fazer o Juventude Viva, a gente montou o projeto Juventude Viva com alguns passos, e um passo foi a redução da mortalidade de jovens negros. Até a gente começou a fazer uma espécie de projeção de redução. E a militância não entendia. E o pessoal no Ministério falou: “não, nós não queremos a redução, nós queremos acabar, nós queremos zero”. -E eu falei: “eu também quero zero. Mas, é irrealista, você chegar nos ministérios e falar: ‘- gente a partir do no que vem a nossa meta é zero’”. Entendeu? Por quê? Porque, você tem uma linguagem que é burocrática, mas que funciona para esses caras. Se você não tiver essa linguagem, você não consegue dialogar com eles. “Então assim, não, você está burocratizando. Você tá querendo que no ano que vem, morra só menos negros; e eu quero que morra zero”. (Risos) eu também quero! Mas, não é assim que as coisas funcionam. Então, teve muito embate assim, desse tipo com militância dentro da própria SEPPIR. Me lembro que uma vez nós conseguimos (quando você quiser me interromper, me interrompa!)

**Luciane**- Tá!

**XXXX**- consegui as duras penas, que a ENAP abrisse espaço para que a gente colocasse na agenda dos cursos para funcionários públicos o debate da questão racial. (inaudível) a sorte que Paulo, na época, presidente do ENAP, a gente tinha ficado amigos na época do IPEA quando estava montando o mestrado do IPEA e tal, ele conseguiu botar lá toda a direção do IPEA e a ministra mandou um, falou deixa que fulano vai, ele é supermilitante. O cara chegou lá e falou: - “primeira coisa, que aqui todo mundo é racista! Então, vocês já deviam ter feito isso aqui há muito tempo, não fizeram há muito tempo, não entendo porque só agora”. Então, você vai perdendo aliados por nada. Se fosse por alguma coisa importante, mas por nada. Então, o que aconteceu? Fechou-se essa porta. As diretoras ficaram indignadas, entendeu? Não queriam mais. Então, assim tem uma liturgia aí, pessoal nós não somos mais ".org", somos ".gov"; e ".gov" é outra liturgia, tem outra coisa, enfim.

**Luciane-** Você entende então, que esse foi uns dos principais problemas?

**XXXX -** Não. Esse é um problema que nós vamos ter sempre daqui pra frente: sempre a ideia, de que só o fato de você ter uma boa ideia, uma boa bandeira você vai conseguir passar suas coisas. Não é assim que funciona. Se a burocracia quiser parar, ela para até coisa do Presidente da República. Se a burocracia não tiver azeitada com isso, ela faz cara de paisagem, esquece, o presidente não fala, daqui há dois meses acabou, morreu. Então, eu acho que faltou pra gente, mas eu digo assim: eu entendo como processo. Um processo de aprendizado. Acho que seria difícil, a gente, conseguir naquele momento passar o que a gente queria, negociar e etc. A gente não tinha estofo pra isso. Agora na iminência de você ter de novo um órgão atuante da SEPPIR, a gente vai ter que fazer esse dever de casa, já com essa experiência de que demos cabeçada. As ideias que tivemos, e tivemos algumas ideias, pelo menos três ideias nós tivemos fortes, que foram: O Brasil Quilombola, depois, o Programa Juventude Viva; e o terceiro que não saiu do papel, foi o que a gente chamou de Brasil Afirmativo, que era um programa de Ações Afirmativas, do qual a única coisa que a gente conseguiu tirar foram as cotas para serviço público, saiu dali saiu do Programa Brasil Afirmativo; e as cotas para as universidades. Só que aí já sai um pouco embolado com questão social, e tal e gente não conseguiu reverter isso. Mas, enfim, essa experiência que nós tivemos com isso, vai demandar que nós tenhamos mais profissionalismo e burocratismo no tratamento da questão racial dentro da Esplanada.

**Luciane**- Sim! É... uma coisa que (pausa) vários militantes intelectuais avaliam com relação a SEPPIR, é o fato da instituição não ter, enfim, ter que barganhar com os ministérios as ações, não ter orçamento grande para obra e tal. E você apresenta a SEPPIR não como coadjuvante, mas como protagonista...

**XXXX**- Deveria ser. A posição da SEPPIR é de protagonista, quando estou do lado do presidente o ministro vai me olhar diferente. Agora eu acho que SEPPIR, tenho uma...ela foi feita muito pra inglês ver. O próprio discurso do Lula que movimento negro, na época, saudou como uma coisa maravilhosa; eu mesmo falei na época (inaudível) esse discurso é muito ruim. O Lula abre o discurso da Matilde, falando: “Matilde, você não precisa bater na porta de ninguém pra entrar”. Ora, ele fala isso para o Ministério da Fazenda? Ele fala isso para o Ministro do Planejamento? Ele não fala. Ele não precisa falar. Ali ele demonstrou a fraqueza. Ali ele invés de falar “não, você é forte”. É como se pegasse um menino magrinho e falasse: “eu sei que você é forte, você pode!” ‘Entendeu? Não foi, ele enfraqueceu. E os ministérios sentiram o enfraquecimento. Esse enfraquecimento foi sentido pelos ministérios. Então, a interlocução foi muito ruim. Porque você ia conversar com os ministros, e eles botavam o segundo escalão. Então assim, e isso aconteceu na época da Matilde. Porque, no começo a gente trabalhou um pouco junto. Então assim, a coisa da força do ministro, não foi, não foi...

**Luciane-** Reconhecida.

**XXXX**- Não foi reconhecida. Nunca! Nunca, nunca! Ministro da SEPPIR era bom para viajar para África com o presidente. Para solenidade do 20 de Novembro. Para subir a serra da Barriga, etc. Mas, quando era para discutir questões sociais nos planos de fundo; reforma da Previdência, não tinha nada da SEPPIR, quando maioria da população negra é a mais pobre, tá lá. Então, programas de combate à pobreza, não estava a SEPPIR. Não estava. Então, a gente não estava em lugar nenhum. A gente apagava alguns incêndios. Então, isso mostra que de uma certa maneira, a criação da SEPPIR foi de fato para atender uma demanda política; mas, não estava dentro dos mecânicos estratégicos de governo do governo Lula, não estava. Nunca esteve.

**Luciane**- Que análise você faz da atuação de cada um das ministras e ministros?

**XXXX**- Olha, eu tive mais acesso à Luíza e a Matilde. Elói e o Edson, eu estava no IPEA nessa época, eles sempre me convidaram, sempre foram muitos gentis comigo, me convidaram sempre pra coisa. O próprio livro que saiu do IPEA –“130 anos de abolição”, saiu com uma tiragem pequena foi 5 mil, eles botaram mais 25 mil. Hoje, é a maior tiragem do IPEA até hoje, porque a SEPPIR entrou e fez. Enfim, eles sempre foram muitos gentis comigo. Agora eu acho, que cada um sofreu uma certa conjuntura. Matilde era uma conjuntura de você montar uma SEPPIR. E a grande contribuição da Matilde foi essa; pegar essa ideia e transformar isso na SEPPIR. E eu vi isso de perto; assim, as restrições que Matilde teve dentro, na época lá, do governo de transição que funcionava lá bando do Brasil, e tal, a gente ia lá, ajudei muito; tá precisando de fazer isso? Vamos sentar. Tá precisando de fazer uma reunião de não sei o quê? vamos lá...fazer apresentações e tal, ajudando. A gente trabalhou muito junto. Então, posso falar isso muito próximo. Ela reverteu uma expectativa que era muito ruim. A expectativa de começo de governo é que não ia sair ministério. Que apesar do Lula ter prometido, eles iam fazer uma secretaria de Direitos Humanos. A expectativa era essa. Tanto que no dia 1º de janeiro na posse do Lula, não tinha SEPPIR...

**Luciane**- Foi só três meses depois

**XXXX-** Exatamente. Esta postura, foi uma postura da Matilde, e esta postura eu participei, a gente saia com um ''Power point'' de baixo dos braços, e ia conversar com as figuras chaves. Quem que eram as figuras chaves, era o Graziano, a gente fez uma apresentação para o Graziano.

**Luciane** – Graziano?

**XXXX**- Aquele, ministro da fome…Ministro Extraordinário…(inaudível), logo depois ele foi para FAO. Na época ele era um cara forte. Fomos conversando com Graziano, e fomos conversando com pessoas envolta do Lula. Quando chegava no Lula: “A SEPPIR é importante por isso e por isso. Tem que ter, a questão racial tá assim, assim, assim”. Então, a costura da Matilde foi fundamental, para que de fato a gente conseguisse abrir esse buraco e botar lá dentro. Acho que isso foi legal. Para isso, ela teve que fazer uma composição muito forte com segmentos do próprio Movimento Negro dentro do PT, e corrente dentro do PT; então ela não conseguiu dar um tom mais técnico dentro da SEPPIR. A SEPPIR, virou assim, os secretários, o corpo, virou conjunto de pessoas muito mais militantes do que técnicos. E aí sofreu muito, porque as pessoas não sabiam o que era um PPA. Então, o PPA estava correndo quando a SEPPIR foi criada em março, o PPA já estava correndo e eu falava ministra a gente precisa fazer o PPA, e as pessoas não sabiam o que era PPA. Então, você está num ministério (ministério não) numa instância ministerial, e você não tinha corpo técnico. Então, pessoal do IPEA vamos ajudar. A gente saía ia para todos lados e tal. Juntou eu Natália B (inaudível)..., Luciana, enfim várias pessoas, muitos amigos, Rafael Osório que mexia com isso, enfim; “vamos fazer?”, “vamos trazer”. Tudo que a SEPPIR não conseguia dar resposta, a gente ia atrás para tentar dar resposta. Não conseguimos grandes coisas. O nosso Programa de Ação Afirmativa, eles tiraram todos os indicadores que eram indicadores potentíssimos; e o PPA saiu sem indicadores. Isso o primeiro PPA. Os indicadores eram do tipo: diferença entre negros e brancos tem que diminuir; diferença no mercado de trabalho entre negros e brancos, enfim, esses indicadores, a gente fez os indicadores. Mas, não vamos mexer com isso, não. Tiraram todos. Ficou só Projeto de gerenciamento sem indicadores. Essa foi nossa primeira derrota. Mas, enfim, não tinha a SEPPIR. O segundo PPA, já se tentou de novo, e aí foi outra derrota, também por conta que a SEPPIR não conseguir se estruturar tecnicamente. Então, a gente foi perdendo, perdendo muita coisa. Então, eu acho primeiro que Matilde teve esse ponto positivo, embora, não colocado. Edson e Elói, eu não tenho muita referência, principalmente o Edson que foi menor, porque mesmo quando o Edson foi Ministro, o contato sempre foi o Elói. E o Elói teve uma coisa que eu acho muito interessante, muito importante, que o Elói colou no Lula. E não sei se isso se efetivou numa coisa mais concreta. Mas, eu acho que um secretário da SEPPIR tem que colar no presidente. Eu falava muito isso com a Luíza, foi uma das divergências nossa. Tem que colar, tem que ir lá, tem que conversar, tem que ficar do lado dela; o Elói ficava ali, Elói não saia dali. Então. Tinha viagem ele ia. E não sei se isso virou algo mais importante do ponto de vista da agenda. Teria que ter uma agenda. Mas, o ideal você ter um secretário, uma secretária que cole no presidente e ao mesmo tempo tem uma agenda para falar: “presidente olhe aqui”. Nossa próxima viagem, “olha aqui o que a gente está pensando em relação ao Brasil Quilombola”, “sabe aquele problema lá de Alcântara, a gente tem alguns problemas”… enfim, colar com coisas. Então, ele teve isso, ele teve uma coisa de colar no presidente, que eu gostava muito. Mas, eu não acompanhei de fato o trabalho. E Luíza, eu acho que tentou tirar essa carência técnica da SEPPIR. Ela conseguiu, a gente conseguiu lá dentro começar, a SEPPIR não tinha, a SEPPIR não tinha e nem atraía gestores. Então, gestores, a gente começou a trazer gestores para dentro da SEPPIIR, gestores que não sabiam se ficam, então vamos trazer gestores, vamos começar a montar um quadro técnico, importante sim, acho que tem essa possibilidade, agora, não dá para montar um dia pro outro. Então, a gente se balizou, um pouco, no Estatuto de Igualdade Racial, que também só saiu na época de Luíza praticamente em 2010, em 2011 que saiu. O que o Estatuto quer? O FOPPIR? Vamos fazer o FOPPIR, que é o Fórum, igual ao estatuto, o que o Estatuto tá falando também? Que tem que ir no CODEFAT? E assim foi montando, entendeu? E agora, o que acontece? A estrutura é pequena. A estrutura da SEPPIR é pequena, a estrutura da SEPPIR não dá conta de espremer o resto dos ministérios para falar; vocês têm fazer isso, têm que fazer aquilo. Então, faltou a cola lá na presidência, para que a presidência ligasse e falasse: aqui é o Presidente da República que está falando, vem cá, tem uma coisa, assim, assim do Estatuto da Igualdade Racial, o que vocês estão fazendo? Seria outra coisa. Então, a gente não teve isso. Ficou muito nós. A gente corria atrás, eu fazer palestras, fui falar no CODEFAT, fui falar no Ministério da educação, fui falando muito com plano de baixo dos braços e do outro lado o Estatuto de Igualdade Racial. Vamos fazer? Vamos. Mas, não tinha essa força. Não, ótimo! Maravilhoso! Vamos montar uma comissão para estudar isso, vocês mandam alguém pra cá, e a gente conversa; etc. Nunca houve, principalmente, dos grandes temas sociais. Acho que uma das grandes derrotas da gente foi não ter entrado de fato no MDS. Apesar, de ter muita gente, muitos parceiros no MDS; mas, a menina dos olhos que é o Bolsa Família, e todos os programas em volta do Bolsa Família. Eles nunca tiveram uma sincronia com a questão racial, dentro daquele discurso, então como pobre é preto, então, tudo bem já está focalizado. Mas, não é só isso, a gente percebe, por exemplo, que quando você olha o Bolsa Família as primeiras famílias a sair da pobreza, são as famílias brancas. Porque? Vamos estudar isso? Vamos estudar, porque os primeiros povos a sair são os brancos? E os últimos a sair são os negros? Então, esse tipo de coisa a gente podia ter feito ou com o MDS. Mas, a gente não teve tempo. Então, assim, acho a Luíza e Matilde que eu acompanhei de perto; Matilde criou o troço, sem o trabalho dela não sairia SEPPIR. E acho que Luíza, deu uma consolidada na parte técnica, embora, naquele momento o Movimento Negro estava precisando de uma SEPPIR muito mais forte, muito mais estruturada do que tinha. Mas, não existia.

**Luciane-** Nilma, também não teve muito tempo.

**XXXX-** Nilma, eu não acompanhei. Mas, Nilma já entra num momento de recomposição, a partir da segunda vitória da Dilma, onde ela teve que recompor, foi passo pra trás. Nilma, entra e já vira uma Ministra de Direitos Humanos, onde a questão racial era uma das questões de Direitos humanos, ai juntou Mulher…E essa pauta a gente perde sempre. Toda vez a gente entra numa pauta com Negros, Direitos Humanos e Mulher; a gente é o terceiro colocado.

**Luciane** – Porque?

**XXXX** -- Tanto que a primeira coisa que eu fiz quando virei secretário-executivo, foi chamar o secretário-executivo Sottili, que era dos Direitos Humanos, e aquela mulher, esqueci o nome dela uma ótima colega. Vamos almoçar uma vez por mês, juntos? E fazer uma pauta conjunta? Porque eu sabia se eu não colasse neles eles iam e eu não ia. Eles correriam, e eu não ia. Então, eu falei: Vamos fazer isso? -Ah! Vamos. Então, a gente almoçava uma vez por mês. E virou assim, a gente começou a ser chamado de os “três porquinhos.” Porque a gente chegava com a pauta conjunta. Foi legal isso, porque deu uma certa junção sem ficar na rabeira. Entendeu? Mas,..

**Luciane-** Por que você acha que os Direitos Humanos, não dá conta da questão racial?

**XXXX**- Teoricamente daria. Mas, só que quando você chega numa pauta com pessoas brancas e vai falar em Direitos Humanos, eles vão pensar em tudo menos no racismo. Tudo! Menos em racismo. Então, eu falo no ponto de vista do discurso; quando você fala em Direitos Humanos, os caras vão pensar em outras coisas. Mesma coisa nos Direitos Civis, vão pensar em tudo. Menos em questão racial. Nos Estados Unidos, os caras conseguiram pelos Direitos Civis. Aqui no Brasil se falar isso, os caras vão pensar em tudo; até no direito da ararinha azul ser criada em cativeiro ou não. Mas, nunca na questão racial. Então, tem que ter uma coisa específica sobre a questão racial. Que por um lado, é uma coisa que nos enfraquece. Mas, por outro lado se não for assim, não entra.

**Luciane-** Enfraquece, por que…

**XXXX-** Porque fica em gueto. Fica em gueto.

**Luciane-** Exato!

**XXXX-** a gente quer fugir desse gueto. Eu quis fugir desse gueto. Quis fugir com meus secretários executivos das duas outras áreas, eu quis fugir quando eu fui atrás do CODEFAT, dos outros ministérios. Eu quis tentar, fui conversar com o BNDES tomei uma bronca da ministra, não da minha. Mas, da Ministra da Fazenda. Porque, então é isso, você vai conversar com o BNDES. Fui lá! Fui lá! E descobri que a gente podia ter uma linha de crédito para os quilombolas, via BNDES. Luciano, que é presidente do banco. Ele falou: Não, é possível, vamos estudar isso! A ministra veio, da área econômica, me deu uma bronca, “Não você não pode fazer! O BNDES, é nosso! Tem que falar com a gente”, e tal. Mas, tem que entrar por esses meandros, entendeu? Como eu tinha de alguma maneira uma experiência nisso, por ter trabalhado no Ministério do Trabalho um tempo, depois IPEA, depois não sei o que, sai. Então, eu tentei correr um pouco nessa linha. Agora, é aquele negócio, muitas vezes me sentir, aqui, pelo corredor blefando. Entendeu? Tô pedindo coisa, falando que vou fazer. Mas, não sei se tenho equipe atrás para isso. Mas, eu tô indo, eu tô correndo. Eu tô mostrando serviço. Foi um pouco assim. Mas, Luíza me proporcionou isso, Luíza foi… ela teve essa abertura suficiente e possibilidade de montar uma equipe e me dar técnica. Eu falava “eu preciso de técnica”. “Mas, você sabe de todas as coisas”. “Eu sei, mas eu preciso um pouco de técnicas. Eu preciso correr, por que vou esará discutindo com uma série de pessoas”. Teve briga pra dentro, os outros secretários achavam que eu estava fazendo uma equipe só minha, etc. e tal. Mas, eu estava pensando numa forma estratégia para SEPPIR; achava que não podia ser um grupinho só para discutir quilombola, um grupinho só para discutir…essa pauta está na nossa cabeça e na SEPPIR, não está na Esplanada uma pauta dessa. Não tem essa divisão. Você tem que chegar lá com tudo.

**Luciane-** Sim. Eu percebi como está agora. Aqui é só quilombola; aqui é só...

**XXXX –** Sim, sim, sim. Mas, eu acho que vejo positivo assim, o aprendizado. O aprendizado!

**Luciane-** E esses últimos dois secretários; Luislinda e Juvenal?

**XXXX** -- Não, não conheço. Luislinda, a gente participou de uma mesa, juntos, uma vez em Minas; parece uma pessoa bem afirmativa e tal. Mas eu não conheço nem Juvenal nem Luislinda.

Acho assim, de longe que a coisa está se diluindo, né. A gente tá perdendo musculatura, a gente tá perdendo dinâmica. A questão racial, não é mais falada. Enfim, a gente tá vendo que do ponto de vista do governo, o governo tá com cara de paisagem. Mas, assim, isso é muito de fora. Eu sei que já estive lá dentro, a gente sofria críticas às vezes, né; por não tá andando. A gente sabe a loucura que é você fazer andar uma pauta racial num governo que acha que isso não existe. E eu acho que o Temer acha menos que o anterior.

**Luciane-** Pois é, (Risos) Foi o discurso deles; que uma das pautas principais do Temer era o combate ao racismo; que está muito interessado na Conferência que vai acontecer no próximo ano, superinteressado. (risos)

**XXXX-** Poxa! Seria bacana se fosse isso. Mas, eu não vejo nenhuma sinalização dessa não. Mas, eu estou falando da arquibancada. Não fui lá, estou falando de fora.

**Luciane-** Poderia falar um pouquinho pra mim de como foi idealizado o Juventude Viva, o Brasil Quilombola, o Brasil afirmativo. E quais foram os empecilhos e percalços

**XXXX-** O Brasil Quilombola, ele na verdade foi governo Lula; eu não estava participando. Mas, foi uma sacação interessante de que Lula se interessou muito pelos quilombolas. Não sei se aquela coisa do presidente se identificar mais com a parte mais fragilizada do Movimento Negro, que era os quilombolas. Mas, ele tinha uma coisa muito forte sim, com os quilombolas. E isso ajudou a forjar o Brasil Quilombola. Então, eu sei muito pouco de como foi feito o Brasil Quilombola. Mas, dos dois eu posso falar. O Juventude Viva, na verdade Dilma quando começa o primeiro governo dela, ela tem uma sacada que eu achei interessante; que é eu tenho meus ministérios, mas, eu quero trabalhar com problemas. Então, ela montou o que ela chamava de Câmaras. Teve a Câmara de Infraestruturas que era para trabalhar os problemas da infraestrutura, transporte, mercadorias, não sei o que. Como é que a gente vai fazer? reduzir o custo Brasil e tal; juntando uma série de ministérios, Ministério dos Transportes, Ministério da Economia, blá, blá, Agricultura, tal, fizeram uma Câmara pra isso. Você tinha outra Câmara que era para questão, salvo engano, se eu não tiver enganado (faz muito tempo) para questão de Importação, Exportação. Você tinha uma terceira Câmara para a Pobreza, MDS, etc. E aí, ela abriu uma Câmara Direitos Humanos. Mas, assim, essa não tinha, as outras tinham, essa foi uma das últimas a ser criada. Mas, chamou SEPPIR, Ministério da Justiça, as outras duas secretarias, nossas amigas, que eram Direitos Humanos e Mulher; chamou é… enfim, outros Ministérios.

**Luciane-** Juventude, estava também né?

**XXXX**- Juventude! Secretaria de Juventude era dentro da presidência, não chegava a ser Ministério. Mas, estava lá também. Mas não tinha pauta. Então, ela chamou os Ministros, e falou –“Eu estou fazendo Câmara, estou trabalhando por problemas, e eu queria que elencassem problemas na área dos Direitos Humanos, para gente trabalhar”. Ela falou das outras Câmaras. E Luíza, na hora, levantou e falou “Presidenta temos um problema seríssimo. estão morrendo jovens negros em profusão, assim, assim”. E deu os primeiros dados, “e isso é um problema nacional, etc. nós temos que montar”. E aí ela falou; “vamos pegar isso. Vocês podem fazer alguma coisa?” Ela falou, “a gente pode fazer”. Aí trouxe pra gente. E a gente, rapidamente, lá começou a pensar num programa como esse; Juventude Viva e tal. Levamos o primeiro esboço, já, para reunião com ministros e secretários executivos. Onde a gente apresentou os primeiros números e as primeiras informações que a se tinha. E aí começou a se criar a ideia do Programa Juventude Viva. Nasceu na SEPPIR, isso aí, a gente viu lá, foi uma coisa que nasceu. Então, quando a coisa começa a aumentar, você vai vendo que os que têm mais estrutura, vão se empoderando. Então, o que aconteceu? Qual o espírito do Juventude Viva? Era tirar a cara policialesca do Estado das áreas mais pobres e levar cidadania. Então, era eleger, se não me engano a gente elegeu 147 cidades onde se tinha mais de 50% dos crimes, 60% dos crimes, eram nessas 147 cidades maiores. E dentro dessas cidades os bolsões de pobreza, onde aconteciam os assassinatos dessas pessoas. A ideia era nesses bolsões de pobreza, a gente vai instalar os equipamentos urbanos; não é em Ipanema, nos Jardins não. Nem lá, sei lá, em Jatiuca, não é. É no bolsão, tá. Então, o que vai ser isso? A gente começou a conversar. Ponto de Cultura do Ministério da Cultura, eles toparam em colocar um Ponto de Cultura lá, Praça de esportes ou Ponto dos Esportes do Ministério dos Esportes; melhorar as escolas, fazer das escolas aparelhadas, que era o Ministério da Educação, junto com as Secretárias de Educação dos estados e municípios. Botar lá, bancos de empregos tipo Sine, lá dentro da comunidade; tipo oferta e demanda por empregos para ver se as pessoas vinham. Era isso, vamos fazer? Vamos topar? Todo mundo topou. Aí o Ministério da Justiça falou, “espera aí, tem que pacificar primeiro. A gente não pode entrar nessa comunidade assim”. Claro tem lá tráfico de drogas; concordamos, então, vamos pacificar. Então, quais foram as primeiras medidas do Juventude Viva? Aparelhar o Ministério da Justiça para pacificar. E aí, de novo virou polícia entrando. E aí, a nossa amiga, que era secretária (inaudível), uma pessoa muito afirmativa, mas, também muito, enfim. Ela, começou a ficar a cara do programa. Então, a gente elegeu Maceió. A primeira pessoa que ia, era ela; como eu sou a cara da Juventude Viva, nós vamos diminuir a violência. Ai, já virou um programa da redução da violência per se; não da redução da violência com cidadania. Então, virou aquela coisa da delegada que vai lá reduzir a violência. Então, entrou com polícia pesada. E aí, os primeiros custos do Juventude Viva foi reaparelhamento de polícia. E logo disso quando começou a esvaziar virou Pacto pela Vida. Que também era um pouco imitando Pernambuco, essa coisa de você ser só, o Estado vai entrar aqui para garantir a sua vida contra a violência. Então, virou aí outro aprendizado que a gente tem, não basta você ter só a visão da Esplanada, falar no moldes da Esplanada, você montar seus projetos nos moldes da esplanada. Mas, tem que ter estrutura para impedir que os mais estruturados se apoderem do dinheiro para suas causas. O Juventude Viva virou meramente um programa, eu hoje em dia vejo, como um programa policialesco. Eu vejo assim. Nem sei ele está ainda.

**Luciane-** Está sendo remodelado.

**XXXX**- Espero! Espero!

**Luciane**- Eu vou tentar conversar com uma pessoa hoje.

**XXXX-** Eu posso te passar os nossos primeiros “Power point”, do que era o Juventude Viva.

**Luciane-** Adoraria!

**XXXX**- Passo com o maior prazer! Passo para você, porque não é uma coisa sigilosa. Naquela de Juventude Viva, nós chegamos a conversar, fizemos reunião com o pessoal do “rap.” Levamos para são Paulo, 40 a 50 rappers, MCs de todo Brasil. Até do Amazonas foi. Porque a gente estava querendo vender para eles este Programa, que a gente achava que eles queriam ser. Esses caras nunca (inaudível). O programa era só policialesco. Não era isso que a gente queria; então, a gente fez apresentação para eles, fez apresentação para vários movimentos sociais. O próprio Reaja foi, Reaja ou Será Morto foi, o próprio Hamilton, brabo pra caramba, foi. Então a gente fez com todo mundo, nessa perspectiva de envolver a comunidade. E o Ministério da Justiça, envolveu o Estado, e Municípios e as polícias. Então, assim, foi um gol contra, esse foi.

Pior do que esse foi o Programa Brasil afirmativo. Foi um Programa onde a gente se espelhou nos Programas de Ações Afirmativas de algumas cidades, no Estatuto da Igualdade Racial e também em algumas literaturas sobre isso. Nós montamos um plano, que a gente chamou de Brasil Afirmativo, que era para ser desenvolvido em 20 anos, salvo engano, ele tem lá 20 anos, ele ia trabalhar em três grandes áreas: mercado de trabalho, educação e que a gente chamou de comunicação social. Educação eram cotas para todos os estudantes de Universidades Federais, e os estados que quisessem aderir poderiam, todas as Universidades Federais e IFs; são essas de escolas técnicas. Mas, as cotas seriam acompanhadas primeiro de uma bolsa para cada cotista, do aparelhamento do que a gente chamou lá, de Centros de Convivência Negra, em toda universidade ia ter que ter um Centro de Convivência Negra; não só para os estudantes negros, mas, para todos os estudantes, para trazer a questão racial para dentro da universidade. E um acompanhamento por 2 anos, para depois que ele saísse da universidade. A gente ia acompanhar por 2 anos cada um, inclusive com possibilidade de ajuda de custo essas pessoas. Por quê? Porque a gente tinha percebido que aluno que estava saindo por cotas estava tendo dificuldades na empregabilidade no mercado de trabalho, por conta do estigma das cotas. Isso era um pouco dentro da Ação Cotas. Além disso, a gente ia ter uma verba para cursinhos da comunidade para população negra, a gente ia dá dinheiro para esses caras; tipo aquele do Frei Davi, reproduzir isso para todo e qualquer lugar. E a gente ia ter acompanhamento desses meninos. O plano era basicamente isso. Isso na área da Educação. E bolsas para estudantes negros participarem de boas escolas, também. Negros para entrar no Mackenzie, negros para no Colégio São José do Rio. Bolsas! Botar, misturar! Classe média tem que conviver com colegas negros e não com guardadores de carros. O segundo ponto era Mercado de Trabalho; mercado de trabalho era: cotas no serviço público em todos os concursos; cotas no concurso público, cotas também, não só nas admissões; mas, também nas progressões. E para iniciativa privada, você não pode estabelecer uma lei para dizer para esses sujeitos fazer cotas. Mas, você pode fazer o seguinte: empresa que quiser concorrer para licitação pública vai ter que fazer um programa de ação afirmativa; empresa que pegar dinheiro do BNDES emprestado vai ter que fazer um programa de ação afirmativa; empresa que quiser participar de qualquer programa governamental de apoio ou subsídio vai ter que fazer um programa de ação afirmativa. E programa de ação afirmativa é isso, isso. Se não quiser tudo bem. Se quiser, se você quiser trabalhar com alguma coisa do Estado, faça ação afirmativa. Então, esse era o segundo ponto, Mercado de Trabalho. Comunicação: primeiro, verbas subsidiadas para cineastas negros; era para documentários, etc e etc; montar uma produção negra (cineasta teve); o governo que gastasse dinheiro com a mídia branca, ia destinar uma parte para a mídia negra. Todos os jornais de mídia negra ia ter uma parte de apoio governamental como propaganda, etc e etc. Aí ia dá grana para o pessoal. E em terceiro lugar era que em todos os conselhos que tivessem conselhos governamentais para verba para cultura, tivesse participantes negros, também, que levassem em conta da importância de você trabalhar com negritude. Esse era o programa, a gente orçou esse programa; ele no final de 10 anos dava 7 bi e meio. Tá tudo orçado. Anualmente, quantos alunos iam entrar, quantas bolsas iam dar, até quanto ia chegar. Tudo certinho, tudo orçado. Fomos pra todos ministérios com isso de baixo dos braços, tomamos cacetadas para todos os lados. Por quê? Porque a gente não tinha apoio da presidência. A presidência não chegou, o Presidente da República ou a Presidenta da República não ligou; eu falava isso com Gilberto(inaudível) que era meu maior contato lá dentro. Gilberto, a gente precisa de apoio de uma ligação da presidenta, uma coisa que ligue para os ministros e fale: “olha tem aí o pessoal da SEPPIR, já passou por aí? Já conversou com vocês sobre o programa? O quê que você achou?” “Não”. A gente ia pra lá vendidos. Teve ministério, até que o ministro desconfiou das nossas estatísticas. “Como que vocês fizeram isso?” Aí eu, “não, está aqui, a planilha de cálculos, o senhor pode ver direitinho”. Entendeu? Então, assim, esse não saiu do papel. Para não dizer que não saiu do papel, saiu a cota para serviço público, saiu de lá; mas, foi vendido como se fosse do Ministério do Planejamento; não foi. Foi nosso. E as cotas para as universidades, que foi vendida como se fosse do Ministério da educação; e não foi. Saiu da gente; essas ideias saíram da SEPPIR. Mas, não aparecem. E pra gente foi terrível, porque os das cotas mesmo a gente foi atrás da bancada do governo para trabalhar a nossa proposta de cotas para as universidades; que era cotas para estudantes negros. A gente reuniu com toda a bancada do PT, e senadores aqui. Porque estava no Senado, eu fui fazer uma exposição para eles; “Senadores o problema é o seguinte vocês tem duas questões aqui: uma questão é a pobreza, pobreza se combate com restituição de renda, crescimento econômico; outra coisa é o racismo, o racismo se combate com ação afirmativa. Esse projeto é de ação afirmativa; então não para ser cotas sociais e raciais”. E a bancada falou não. “Aqui só passa se for assim”. Eles votaram assim. Se a nossa turma falou isso, imagine o resto? Então, saiu um Frankenstein apanhando toda vida do movimento Negro; porque saiu aquele Frankenstein de cotas sociais e raciais. Mas, pelo menos a gente ganhou uma coisa, que não tínhamos nos outros, as cotas são por cursos, antes não era. Antes, cada universidade decidia, a maioria das universidades dizia assim, não eu tenho que colocar 20% de negros ou 10% aqui; então

**Luciane-** Aí só ia para o Serviço Social…

**XXXX**- Geografia, Serviço Social, Pedagogia. Mas, a Medicina, a Engenharia, o núcleo duro, estava preservado. Dessa vez, pelo menos isso. Tanto que você tá vendo aí, essas fraudes aí. IPEL, não sei o que; os caras estão fraudando. Porque, pelo menos a gente conseguiu assim, vai ter negro na medicina, na pedagogia, na engenharia, em todo lugar. Então, foi isso. Foi um pouco assim, é um pouco enxugar gelo; mas, foi bastante divertido pra gente.

**Luciane**- Ual!! (Risos) E para terminar, aqui já tem quase uma hora. Sei que seu tempo está corrido. Perspectiva de futuro, qual você tem para SEPPIR nessa conjuntura? Sobre as ações afirmativas?

**XXXX**- Olha é otimismo pessimista; vou tentar explicar isso, essa contradição. É otimismo porque nunca se falou tanto em questão racial no Brasil. A própria Globo que é o bastião que não temos racismo, lá o nosso amiguinho chorou no fantástico, porque a filhinha preta dele sofreu racismo como qualquer menina negra no Brasil. Mas, como ele é branco nunca tinha pensado nisso. Mas, a Globo, até a Globo está tendo que falar. Não vamos esquecer que há 10 anos, eles lançaram aquele livro “Não Somos Racistas”, subsidiada à 10 reais para todo mundo comprar. Então, começa uma coisa se formando,…

**Luciane**- Hoje, eles têm uma juíza negra na novela das oito.

**XXXX**- Sim! Começa uma coisa sim. Embora, o negro seja sempre o amigo do mocinho. Mas, enfim começa. Então, eu acho que tem uma coisa que é inexorável que é a questão racial, passou daquele patamar de “– Ah! Não é bem assim, é uma questão de…” “Opa!! Tem…” o que a gente vai fazer? Não sei. Mas, tem. Tem! Os brancos já estão falando assim: “tem! De fato tem!” O quê que a gente vai fazer com isso? Não sei. Mas, tem. Então, está nesse momento. Que é um momento graças à militância. Muito, muito à militância. Não tem outra, outra… protagonismo. Protagonismo da militância. Com toda as suas contradições, com suas brigas internas, etc. Colocou lá, está aí. Não tem como sair dessa. Agora, por outro lado está gerando uma reação. Por quê? Porque, eu me ponho na pele do branco brasileiro que nunca pensou nisso antes. Quando eu percebo que a sociedade é racista, o segundo passo é perceber que eu sou um privilegiado. Eu não sou coitadinho, eu não sou mais o protagonista; eu sou o privilegiado, eu sou o algoz. E é muito difícil para essas pessoas que sempre foram criados sendo o bonitinho, o maravilhosinho, etc., se sentirem numa posição de algozes. As reações são as mais diferentes possíveis. Não sei o que vai acontecer; eu sei que a gente vai entrar no embate. Não sei de que nível, mas vamos entrar num embate. Por que, essas pessoas vão reagir. “Eu não sou mal, eu não tenho culpa disso”.

Tem! Pela omissão, pela falta de empatia com as pessoas, pela questão de que para cada porta aberta para você significa dez fechadas para negros. Isso tudo está acontecendo, eles sabem. Essas pessoas estão tomando consciência disso e não estão sabendo reagir bem a isso. Não estão sabendo reagir. Então, eu não sei o quê vai vir.

**Luciane-** Que tipos de reações você tem percebido, das pessoas brancas?

**XXXX**- primeiro é “mimimi.” Não! Isso é “mimimi”, é bobagem, não sei o quê. Isso precisa ser teorizado. E segundo é negação da história. Você negar que seu bisavô que veio migrando da Itália, ganhou terra aqui. Ganhou dois anos de seguro, se quebrasse. Ganhou dois anos de salários; você ganhou escola. Enfim, esse tipo de coisa, isso aí, é privilégio numa sociedade como a brasileira. Onde, a maioria dos negros, nunca teve acesso à terra; e quando teve foi tirada com a lei de 1850. Então, isso é privilégio, a gente não tem outra palavra pra isso. Essas pessoas não estão preparadas para entender, até porque foram criados numa redoma, que foram privilegiadas.

**Luciane**- E como você vê a questão do colorismo dentro da população negra? Que tem também o discurso de negros de pele clara, como também privilegiados?

**XXXX-** Esse é um segundo ponto**.**

**Luciane-** Você acha que isso fragmenta?

**XXXX**- Não, esse é um segundo ponto. Isso não vai ser agora. Mas, isso é um segundo ponto que a gente vai ter que encarar em algum momento. Nesse momento, primeiro não é estratégico. Segundo que você tem um algoz mais forte pela frente. Mas, sem dúvida. No Haiti, aconteceu isso. O Haiti, matou todos os brancos, e a elite lá é mulata. Os pretos e tintos são pobres. Mas, aí outros é…(Risos)

**Luciane**- É um segundo passo. (Risos)

**XXXX**- É um segundo passo.

**Luciane-** XXXX tem um tópico que esqueci de abordar, mas que seria muito importante para pesquisa: População negra mais população indígena. Alguma vez se cogitou incluir a luta indígena na SEPPIR? Adoraria te ouvir sobre esse tópico.

**XXXX-** Olha só, com relação à questão dos indígenas de fato teve um problema na SEPPIR, que era inicialmente, nós tínhamos uma negociação com a FUNAI, que os indígenas aldeados eram da FUNAI e não aldeados poderiam ser da alçada da SEPPIR. Só que essa coisa nunca se concretizou, porque, enfim. Faltou uma negociação mais clara, principalmente, da parte da FUNAI que nunca nos colocou isso como uma coisa mais efetiva. Então, tenho pouca coisa a falar sobre isso. Poucas vezes os indígenas estiveram lá com a gente. E depois, a coisa dos aldeados e não aldeados ficou muito confusa. Não tem muita coisa para falar.

**Luciane-** XXXX, muito obrigada!!

**XXXX**- Que isso! Foi um prazer.